



**ARQUITETURA MODERNA EM ÁFRICA:  
ANGOLA E MOÇAMBIQUE**

“É, também, o papel que cabe a este livro – a divulgação dessas utopias que se transformaram em realidade, em territórios impensáveis mas que reuniram, num certo momento histórico europeu, condições para as acolher de braços abertos. Como dizia Perret “...admiração e emoção são reacções sem duração no tempo...””

Isabel Maria Martins

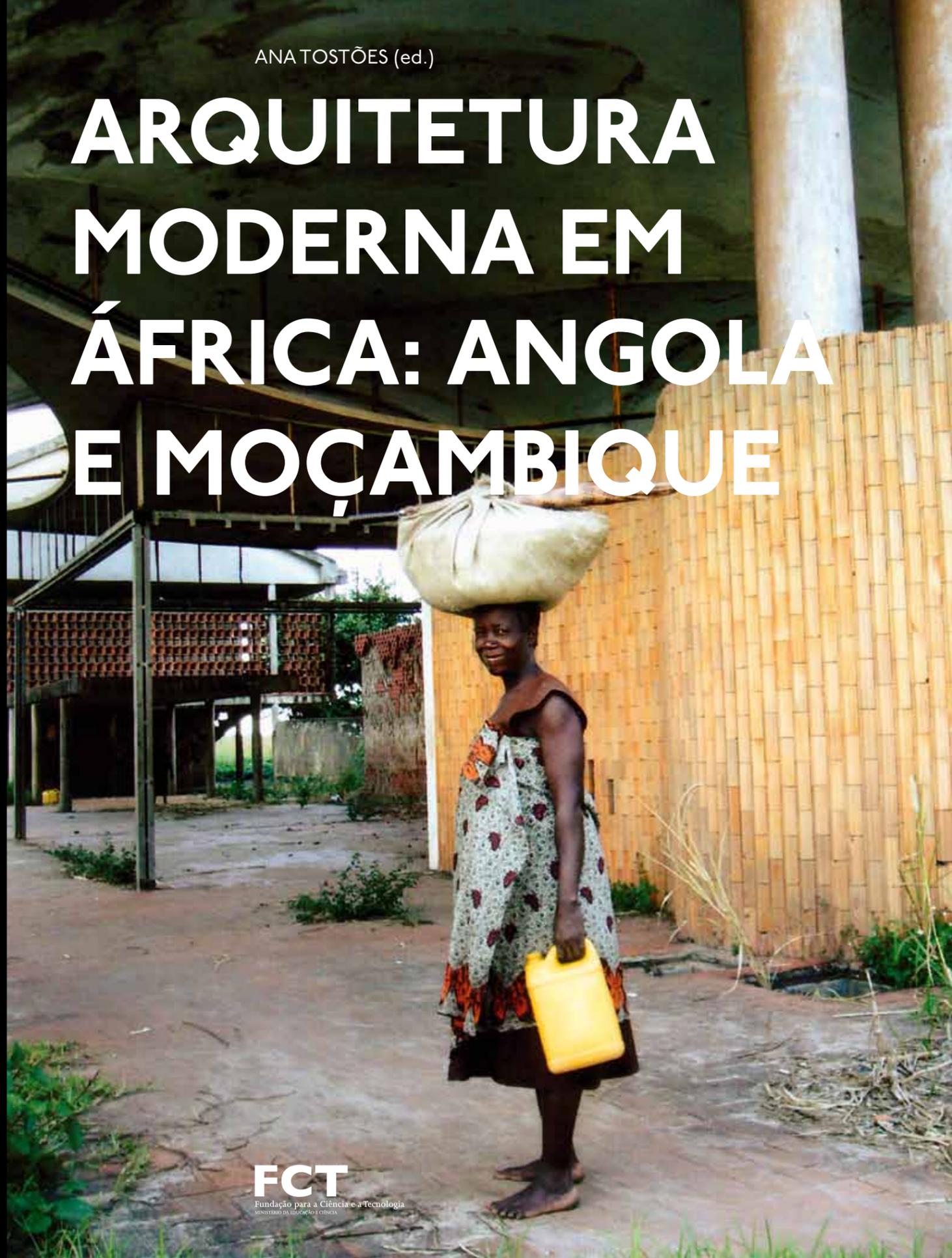
“Eis um dos grandes valores deste livro: o de nos sugerir desafios difíceis, o de nos elevar na discussão que a preservação das qualidades destacadas dos edifícios selecionados nos coloca.”

Júlio Carrilho and Luís Lage

ISBN 978-989-658-239-5



9 789896 582395



ANA TOSTÕES (ed.)

**ARQUITETURA  
MODERNA EM  
ÁFRICA: ANGOLA  
E MOÇAMBIQUE**

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Ministério da Educação e Ciência

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Ministério da Educação e Ciência

008

Prefácio  
Isabel Maria Martins  
Júlio Carrilho e Luís Lage

134

Edifício Universal  
Uma Unidade de  
Habitação Tropical  
Ana Magalhães

232

Paço Episcopal  
Um *Conventinho* Feito de Sombra e  
Brisa, Abóbadas e Claustros  
Ana Tostões  
Catarina Delgado

372

Sede do Grupo Empreposto  
Um Brutalismo Desassombrado  
Ana Tostões  
Francisco Seabra Ferreira

VISÕES CRUZADAS

INTRODUÇÃO

062

Visões Cruzadas  
Um Laboratório de Arquitectura  
entre Global e Local  
Ana Tostões

138

Cine-Esplanada Flamingo  
Vida Moderna nos Trópicos  
Ana Magalhães

196

Edifício Servidores do Estado  
Uma Versão da Lição *Corbusiana*  
Ana Tostões  
Jessica Bonito

238

Banco Nacional Ultramarino  
Infraestruturas Modernas de  
Maputo, Chimoio e Quelimane  
Elisário Miranda

328

Jardim Infantil Piramidal  
O Berço do “Américo-Egípcio”  
Ana Tostões  
Zara Ferreira

382

Fábrica “A Reguladora”  
Indústria e Simplicidade Formal  
João Vieira Caldas  
Francisco Seabra Ferreira

BIOGRAFIAS

014

O Desafio da Arquitectura  
Africana e o Teste do Tempo  
Modernidade em Angola  
e Moçambique  
Ana Tostões

206

Edifício Mutamba  
O Virtuosismo dos *Brise-Soleil*  
João Vieira Caldas

336

Palácio das Repartições  
em Moçambique  
Funcionalismo  
e Representatividade  
Elisário Miranda

438

Biografias  
Jessica Bonito  
Elisário Miranda



ANGOLA

144

Liceu do Lobito  
Aprender “ao ar livre”  
Ana Magalhães

254

O Conjunto Monteiro&Giro  
A Cidade e a Fábrica  
Ana Tostões  
Maria Manuel Oliveira

390

Escola Secundária da Polana  
Um Caso de Recuperação de um  
Edifício Moderno em Moçambique  
Vincenzo Riso

018

Operações de Redesenho  
Questões de Metodologia  
e Resultados  
Vincenzo Riso

212

Hospital Escolar  
Veterinário no Huambo  
Velho Brutalismo Africano  
Margarida Quintã

350

Escola Secundária Estrela Vermelha  
Um Paradigma da Arquitectura  
Escolar Moçambicana do  
Terceiro Quartel do Século XX  
Elisário Miranda

452

Bibliografia



MOÇAMBIQUE

150

Rádio Nacional de Angola  
A Herança de Le Corbusier  
nos Trópicos  
Ana Magalhães

274

Edifício TAP-Montepio  
Entre Lourenço Marques  
e Maputo  
Maria Manuel Oliveira  
Jessica Bonito

VIAGEM A ÁFRICA

124

Mercado Municipal do Kinaxixe  
Os Caminhos  
Sombreados do Sol  
Maria João Teles Grilo

164

Unidade de Vizinhança Penda  
Luanda à luz da Carta de Atenas  
Ana Tostões  
Ana Braga

290

Edifício Tonelli  
A Prateleira Habitável  
Ana Tostões  
Ana Braga

356

Khovo Lar  
A Missão Suíça em Maputo  
João Vieira Caldas  
Francisco Seabra Ferreira

400

Mapas

467

Índice de Abreviaturas

CRONOLOGIA

128

Edifício Cirilo&Irmão  
Os Anos 50 e o “Ciclo do Café”  
Ana Tostões  
Jessica Bonito

224

Edifício Prometheus  
“Stiloguedes”, a Bizarra  
e Fantástica Família  
Ana Tostões  
Jessica Bonito

366

Biblioteca de Quelimane  
Um Ícone da Cultura:  
*Béton Brut* em Versão  
*Climate-Responsive Design*  
Ana Tostões

468

Legendas Imagens  
Cronologia

026

Cronologia  
Ana Tostões  
Zara Ferreira

188

Laboratório de  
Engenharia de Angola  
Um *Campus* de Conhecimento  
Desenhado com o Clima  
Ana Tostões  
Ana Braga

308

Estação do Caminho  
de Ferro da Beira  
Apogeu e Crítica  
do Movimento Moderno  
em Moçambique  
Ana Magalhães  
Elisário Miranda

426

Workshop Internacional  
(re)Usar o Moderno  
Identificar  
Documentar  
Conservar  
Maria Manuel Oliveira  
Jessica Bonito

473

Índice Onomástico

ANA TOSTÕES (ed.)

# ARQUITETURA MODERNA EM ÁFRICA: ANGOLA E MOÇAMBIQUE

## AGRADECIMENTOS

### Às muitas entidades que contribuíram

Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian  
Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa  
Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos  
Arquivo Histórico de Maputo  
Arquivo Histórico Ultramarino  
Câmara Municipal de Luanda  
Centro de Documentação de Urbanismo em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto  
Centro de Documentação do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento  
Conselho de Administração dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique  
Conselho Municipal de Maputo  
Conselho Municipal de Quelimane  
DOCOMOMO Internacional  
Embaixada de Portugal em Luanda  
Embaixada de Portugal em Maputo  
Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane  
Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade José Eduardo dos Santos  
Fundação para a Ciência e Tecnologia  
Instituto Camões  
Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana  
Instituto de Engenharia de Estruturas, Território e Construção (ICIST)  
Instituto de Investigação Científica Tropical  
Instituto Superior Técnico (Técnico, Lisboa)  
Ministério das Obras Públicas e Habitação de Moçambique  
Ordem dos Arquitectos  
Serviços Técnicos e Infraestruturas do Huambo  
Universidade Agostinho Neto  
Universidade do Minho  
Universidade Eduardo Mondlane  
Universidade José Eduardo dos Santos

### Às muitas pessoas que apoiaram

Alda Costa  
Alexandre Pomar  
Ana Canas  
Ana Paula Gordo  
Ana Paula Laborinho  
Ana Valente  
André Fontes  
Anselmo Cani  
Antoni Folkers  
António Albuquerque  
António Matos Veloso  
António Pinheiro  
António Ribeiro da Costa  
Aurélio Nogueira  
Beatriz Madureira  
Bernardino Ramalhete  
Brito António Soca  
Calunga Quissanga  
Carla Canhão  
Carlos Eduardo Comas  
Carolina Esteves  
Catarina Vaz Pinto  
Celsa Xemane  
Cidalina Duarte  
Cláudia Melo Sampaio  
Cristóvão Simões  
Eduardo Figueirinhas Correia  
Eduardo Inês  
Eduardo Naya Marques  
Fernando Maia  
Fernão Simões de Carvalho  
Francesco Bandarin  
Francisco Castro Rodrigues  
Francisco Ivo  
Francisco José de Castro  
Francisco Ribeiro Telles  
Graça Gonçalves Pereira  
Ibraimo Mussagy  
Idalio Juvane  
Ilídio do Amaral  
Inês Viegas  
Isabel Maria Martins  
Isabel Ribeiro  
Ivan Blasi  
Jane Flood

João Cepeda  
João Francisco  
João Navega  
João Pignatelli  
João Santos Vieira  
João Teles Grilo  
José Augusto Duarte  
José Belmont Pessoa  
José Borges  
José Cochofel  
José Forjaz  
José Luis Pinto da Cunha  
José Quintão  
Llonka Guedes  
Luciana Rocha  
Luís Lage  
Marcelo Moreno Ferreira  
Margarida Alho  
Maria da Glória Garizo do Carmo  
Maria José Oliveira  
Maria José Silva  
Maria Manuel Vila Nova  
Maria Manuela Fonte  
Maria Manuela Portugal  
Maria Teresa Monteiro  
Marília Gonçalves  
Mário Gonçalves  
Maristella Casciato  
Marília Gonçalves  
Mohamad Arif  
Ola Uduku  
Patrick Dias da Cunha  
Paulino Pires  
Pedro Ramalho  
Pedro Sousa e Silva  
Pitum Keil do Amaral  
Rosa Paula Matos  
Rui Cirne da Fonseca  
Simonetta Luz Afonso  
Susana Varela  
Tom Avermaete  
Verónica Garizo do Carmo  
Vicente Joaquim

### Aos alunos que participaram no Workshop Internacional “(re)Usar o Moderno. Identificar | Documentar | Conservar”, realizado em março de 2012, na FAPF-UEM, Maputo, Moçambique

Abel  
Ambre  
Ana  
Brito  
Bulande  
Caetano  
Carlos  
Chirindza  
Cláudio  
Dalte  
Djanine  
Edson  
Eduardo  
Ely  
Elias  
Elis  
Etevaldo  
Eurico  
Gabene  
Gizela  
Helena  
Hélio  
Irénio  
Jójo  
Jorge  
Kuang Lee  
Lopes  
Macandza  
Macondo  
Malikito  
Manhiça  
Mauro  
Mércia  
Nélio  
Nelo  
Nhavene  
Nurdino  
Priscila  
Razin  
Réges  
Rosário  
Solange  
Tecuene  
Viola  
Yara  
Zandamela

Livro publicado no âmbito do projeto de investigação: **EWV\_Visões Cruzadas dos Mundos: Arquitectura moderna na África Lusófona (1943-1974) vista através da experiência brasileira iniciada a partir dos anos 30** (Referência FCT: PTDC/AUR-AQI/103229/2008)  
**Ana Tostões – Investigadora Responsável (ICIST/Técnico, Lisboa)**

### Financiamento



### Instituição Proponente



### Instituições Participantes



### Com o apoio



do.co.mo.mo\_

### Arquitetura Moderna em África: Angola e Moçambique Ana Tostões (ed.), 2013

Editor  
Ana Tostões

Prefácio  
Isabel Maria Martins  
Júlio Carrilho e Luís Lage

Textos  
Ana Tostões (AT)  
Vincenzo Riso (VR)  
João Vieira Caldas (JVC)  
Maria Manuel Oliveira (MMO)  
Elisiário Miranda (EM)  
Ana Magalhães (AM)  
Maria João Teles Grilo (MJTG)  
Margarida Quintã (MQ)  
Jessica Bonito (JB)  
Zara Ferreira (ZF)  
Francisco Seabra Ferreira (FSF)  
Catarina Delgado (CD)  
Ana Maria Braga (AB)

Revisão de Texto  
Sandra Vaz Costa

Tradução  
Sandra Vaz Costa  
Isabel Arez

Redesenho  
Ana Maria Braga  
Catarina Delgado  
Francisco Seabra Ferreira  
Jessica Bonito  
Paulo Silva

Créditos Fotográficos  
Arquivo EWV: Ana Tostões, Vincenzo Riso, João Vieira Caldas, Maria Manuel Oliveira, Elisiário Miranda, Ana Magalhães, Francisco Seabra Ferreira, Margarida Quintã, Catarina Delgado, Ana Maria Braga. Arquivo do Conselho Municipal de Maputo  
Arquivo do Conselho Municipal de Quelimane  
Arquivo do Ministério das Obras Públicas e Habitação de Moçambique  
Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos  
Arquivo Histórico de Maputo  
Arquivo Histórico Ultramarino  
Arquivo Fernão Simões de Carvalho  
Arquivo Luís Lage  
Centro de Documentação de Urbanismo em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Arménio Teixeira  
Centro de Documentação do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento

Ana Magalhães  
António Albuquerque  
Eduardo Figueirinhas Correia  
Elisiário Miranda  
Ireneu Miguel  
Margarida Quintã

Nas legendas das imagens, a ordem da informação é a seguinte: nome do edifício ou objeto, arquivo a que pertence a fotografia, nome do fotógrafo, data da fotografia.

### ICIST, Técnico, Lisboa, 2013

Desenho Gráfico  
Ana Maria Braga

Proporção  
[3:4] – 20,2 x 27 cm

Tipos de Letra  
P22 Underground  
Tramuntana

### 1ª edição, Lisboa, 2013

ISBN  
978-989-658-239-5

Depósito Legal  
366779/13

Capa  
Arménio Losa e Cassiano Barbosa,  
Fábrica Monteiro&Giro, Quelimane,  
Moçambique, EWV, Ana Tostões, 2008

Contracapa  
Francisco Castro Rodrigues,  
Cine-Esplanada Flamingo, Lobito,  
Angola, Ana Magalhães, 2008

Site  
ewv.ist.utl.pt

As imagens selecionadas pertencem aos arquivos indicados e não podem ser reproduzidas a partir desta edição. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer forma sem a autorização expressa do editor e dos autores.

A editora enviou todos os esforços no sentido de obter as autorizações relativas à reprodução das fotografias apresentadas na obra. No caso de existirem ainda direitos legítimos, agradecemos que as entidades visadas contactem a editora.

© desta edição, ICIST/Técnico, Lisboa  
© dos textos, os autores  
© das imagens, os autores

## O CONJUNTO MONTEIRO&GIRO *A Cidade e a Fábrica*

### Quelimane, 1954-1960

O conjunto urbano do *Chuabo* e o núcleo fabril Monteiro&Giro foram edificados em meados do século passado, respetivamente na cidade e nos arredores de Quelimane, uma cidade situada no norte de Moçambique. Projetados entre as décadas de 50 e 60 por Arménio Losa e Cassiano Barbosa, arquitetos com *atelier* sediado no Porto, destaca-se a atualidade dos seus programas arquitetónico, urbano e social e, ainda, a pesquisa formal e tecnológica que fundamentou o seu desenho.

Pretendendo-se com a expressão da *modernidade* defendida no Congresso de 1948 e então a despontar nos territórios coloniais, a afirmação da *monumentalidade moderna* – “7. *The people want the buildings that represent their social and community life to give more than functional fulfilment. They want their aspiration for monumentality, joy, pride, and excitement to be satisfied...*”<sup>1</sup> – encontrava-se, naturalmente, implícita ao projeto.

### Losa & Barbosa: *construindo a modernidade*

Em Portugal, o pós-guerra confirmou a rutura moderna. No contexto do Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura, em 1948, o regime foi desafiado pelos arquitetos que clamavam pela adoção dos princípios do Movimento Moderno e exaltavam a importância de uma resposta *racional e contemporânea* às questões da habitação e do planeamento urbano<sup>2</sup>.

Na cidade do Porto, Arménio Losa e Cassiano Barbosa distinguiram-se neste processo como notáveis projetistas, tendo protagonizado uma significativa intervenção urbana. Manipulando modelos importados desenvolveram inovadoras propostas arquitetónicas em termos de imagem, espacialidade e organização funcional, sempre acompanhadas por um rigoroso domínio do detalhe e das tecnologias construtivas<sup>3</sup>.

As convicções políticas de ambos, expressas nas contribuições de Arménio Losa para o Congresso, traduzem a profundidade de um envolvimento cívico<sup>4</sup> empenhado. A sua atividade profissional deve ser analisada no âmbito deste espírito



*Chuabo*, conjunto urbano, EWV,  
Ana Tostões, 2010

transformador, imbuído de justiça social e assente numa estrutura espacial desenhada para servir “... não apenas um reduzido número de grandes senhores... [mas] toda a população, todos os indivíduos.”<sup>5</sup>

O projeto Monteiro&Giro para Quelimane<sup>6</sup> foi elaborado a par e no seguimento de outros projetos com grande significado para a arquitetura portuguesa moderna<sup>7</sup>. Os ensinamentos recíprocos entre estes trabalhos são evidentes e testemunham uma trajetória concetual que adquire progressiva segurança no desenho e na metodologia que o suporta.

### **M&G, um conjunto inovador: a cidade e a fábrica**

A firma Monteiro&Giro (M&G), um empório comercial com administração no Porto, detinha amplos interesses em Moçambique, que iam da exploração de matéria-prima à criação de gado e ao cultivo de algodão e chá. Nos anos 50, a instalação da sua sede em Quelimane, cidade portuária que polarizava a atividade comercial da província da Zambézia, conduziu à encomenda de um importante projeto de arquitetura ao *atelier* de Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Pretendia-se que este edifício não só viesse a acolher as instalações da empresa, conferindo-lhe uma visibilidade que não possuía até então, como a permitir explorar outras frentes de negócio, nomeadamente nas áreas turística<sup>8</sup> e imobiliária. A encomenda pretendia também, muito objetivamente – segundo as palavras do engenheiro civil António Ribeiro da Costa, ideólogo e gestor do projeto –, um “edifício moderno”.

Um desígnio desta natureza, ao implicar uma obra de uma escala urbana inexistente em todo o norte de Moçambique, veio a marcar indelevelmente a pequena cidade de Quelimane, atribuindo-lhe uma vocação cosmopolita e *moderna*.

### **Sobre a construção e os construtores: a tectónica e a circunstância**

Construir com esta ambição em circunstâncias de isolamento, ausência de mão-de-obra e materiais adequados, colocava dificuldades de ordem operacional evidentes. Tentando minimizar a inevitabilidade de importar grande parte dos materiais, foi procurado retirar o maior proveito de matérias-primas que, existentes no local – como a madeira, nomeadamente –, aí poderiam ser manufaturadas e utilizadas<sup>9</sup>.

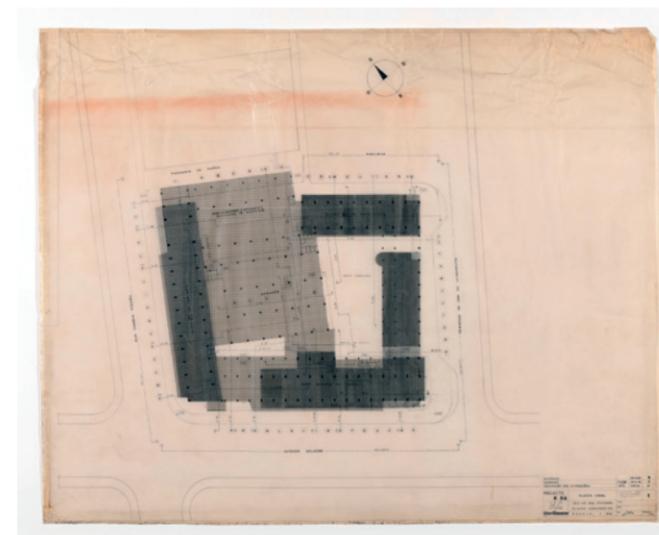
O achado de argila de excecional qualidade nos arredores da cidade<sup>10</sup> contribuiu para a solução, complementando o horizonte do investimento ao sugerir a edificação de uma fábrica de cerâmica que faria o apoio, também, à construção do edifício em Quelimane.

A esta decisão de edificar uma fábrica capaz de servir a construção, associou-se uma complexa gestão de produção e planeamento das obras. O projeto de arquitetura deveria assim, para além das questões de ordem tectónica que lhe eram inerentes, incorporar esse tipo de preocupação nas soluções preconizadas<sup>11</sup>.

Embora utilizando, sempre que possível, materiais disponíveis localmente, o aparato técnico-construtivo do conjunto M&G exigiu trabalhos sofisticados nas múltiplas frentes edificatórias, para o que recorreu a mão-de-obra deslocada da metrópole. Foi assim organizada uma equipa residente de cerca de quarenta pessoas, que contava com a direção de obra – constituída pelo arquiteto Eduardo Figueirinhas<sup>12</sup>



Edifício *Chuabo*,  
Figueirinhas Correia, s/d



Planta geral; escala 1:200; março  
1956, arquivo FAUP/CDUA/AL-CB,  
Arménio Teixeira ©, s/d

e pelo engenheiro António Ribeiro da Costa, responsável pela articulação com os arquitetos e pela gestão da obra<sup>15</sup> –, e por mestres e operários das várias artes. Esta equipa teve um importante papel na formação de artífices locais, facto que veio posteriormente a refletir-se na competência do setor construtivo em Quelimane, uma qualidade ainda hoje sensível no ambiente urbano da cidade.

O Complexo M&G é, assim, composto por dois projetos simultâneos que, embora autónomos, dependeram intrinsecamente um do outro. Uma proposta cidadina e um conjunto industrial que invocam a densa urbanidade da *Unité d'Habitation* e o conceito da *Fábrica Verde* que Losa tinha, tão veementemente, defendido no Congresso de 48<sup>14</sup>.

Assumindo os riscos que a infinidade da promessa africana parecia à época justificar, ganhou forma deste modo, uma ampla e estratégica visão de conjunto, só possível em lugares onde, na perspetiva – com certeza – eurocêntrica e moderna, “quase tudo estaria por fazer”<sup>15</sup>.

### O edifício *Chuabo*, o pólo urbano, 1956

Face à Catedral Velha, o *Chuabo*<sup>16</sup> implanta-se sobre a mais importante avenida de Quelimane, que corre paralela ao Rio Bons Sinais. Assumindo uma significativa ambição urbana, o conjunto recorta-se expressivamente no *skyline* da cidade<sup>17</sup>. Afirmando uma centralidade inquestionável apresenta-se como um quarteirão completo<sup>18</sup> que, embora composto por blocos diversos, observa uma integridade notável. Constitui-se, de facto, como um edifício que inclui volumes diferenciados que respondem às circunstâncias específicas das suas várias frentes e programas. Interrompidos junto aos cunhais, os volumes são articulados pela massa ininterrupta dos dois primeiros pisos, onde se localiza, predominantemente, o comércio e os escritórios.

O edifício é composto por um hotel de substanciais dimensões – instalado no corpo mais elevado do conjunto e na sua frente urbana principal – e por três outros blocos que albergavam habitação coletiva, comércio e escritórios. Ocupando parte do interior do quarteirão e encerrando o seu topo noroeste, um outro volume, com apenas dois pisos, continha armazéns, uma estação de serviço, um *stand* de vendas e, ainda, um piso de escritórios.

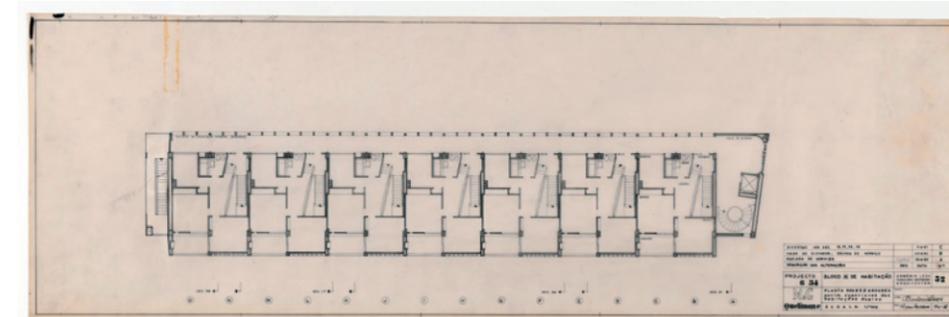
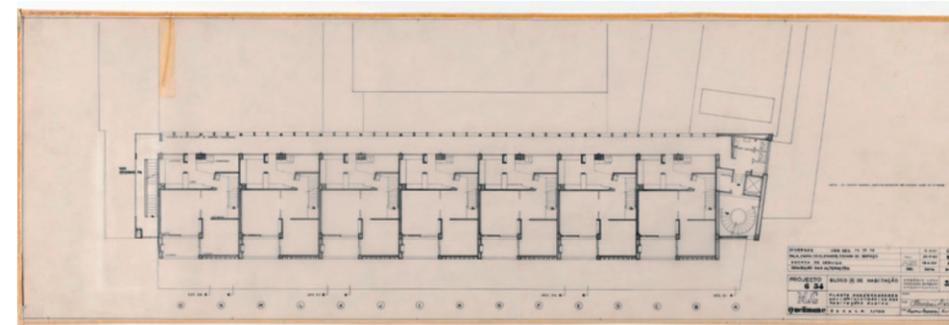
Este vasto programa sedimenta-se em camadas horizontais: o comércio (por vezes apoiado por um patamar intermédio que aproveita o elevado pé-direito) situa-se no piso de contacto com a rua<sup>19</sup> e o setor multifuncional no nível imediatamente acima; segue-se, nos andares superiores, a área residencial, organizada em apartamentos duplex que se repartem por dois (A e B) dos três blocos. O bloco C, que apenas mais tarde viu o seu desígnio fixado<sup>20</sup>, apresentava um programa absolutamente moderno: com cinco pisos, o primeiro é dedicado a lojas comerciais e à habitação para o porteiro; os seguintes a escritórios, consultórios e *ateliers* e os dois últimos a apartamentos individuais<sup>21</sup> e independentes.

As galerias de distribuição localizam-se todas sobre o pátio central, envolvendo-o. Protegidas por *brise-soleil* que conferem coerência e unidade às fachadas do interior do quarteirão, criam uma interessante possibilidade de comunicação entre estes múltiplos e animados espaços de circulação<sup>22</sup>. Com uma certa ironia,



Imagens das galerias sobre o pátio interior, EWV, Ana Tostões, 2012

Imagem das escadas do bloco A e vestíbulo dos duplex, EWV, Ana Tostões, 2012



Bloco A de habitação, plantas dos 3<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> andares; pavimentos superiores das habitações duplex; escala 1:100; fevereiro 1956. Plantas dos 2<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> andares; pavimentos intermédios das habitações duplex; escala 1:100; fevereiro 1956, arquivo FAUP/CDUA/AL-CB, Arménio Teixeira ©, s/d

esta solução de alguma forma subverte a exigência programática de segregação racial que, legitimada por uma imposição camarária, impunha separar totalmente os circuitos “indígenas” e “europeus”.

Ruas *aéreas*<sup>23</sup>, as galerias<sup>24</sup> funcionam de forma intercalada (conforme eram destinadas a “indígenas” ou a “europeus”) e dispõem de pé-direito diferenciado. Esta decisão articula-se com a estrutura interna dos duplex ao permitir criar um patamar intermédio que serve o vestíbulo de entrada – do qual se desce um piso para aceder às zonas comum e de serviço<sup>25</sup> ou se sobem alguns degraus para a zona de dormir, a que se acede por um varandim que amplia substancialmente todo este setor de chegada.

Acompanhada por um primoroso desenho de detalhe, esta solução, que atribui ao vestíbulo pé-direito duplo – permite que a entrada se leia como um espaço autónomo e com forte presença no apartamento, cujo espaço interno – também ele desenhado com a mestria e fluidez que se reconhece a Losa & Barbosa – dilata e qualifica notavelmente.

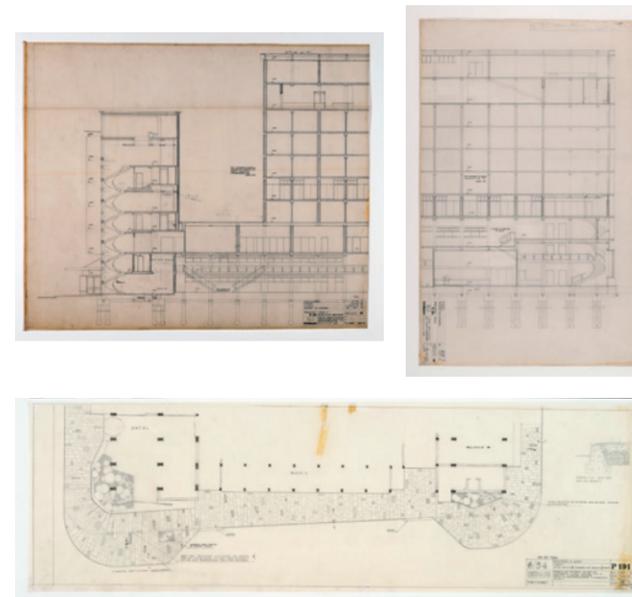
O hotel, com nove pisos, dispõe igualmente um esquema de sobreposição funcional. À cota da rua, o átrio, com duplo pé-direito, é secundado por um mezanino que serve o *salão de festas*. Ligando estes dois níveis, uma escada em espiral<sup>26</sup> recorta-se contra um painel/parede escultoricamente composto que, saliente, também se afirma na fachada do edifício. A receção liga-se ainda ao *snack-bar*, espaço exuberantemente detalhado: madeiras, pedras, revestimentos cerâmicos, napas e rebocos texturados, marcam fortemente o seu ambiente que, muito próprio ao tempo em que foi desenhado, ainda hoje se mantém intacto.

Constituindo um embasamento sobre o qual se apoia a massa dos quartos, o volume que corresponde ao *salão de festas* projeta-se no exterior sobre uma profunda pala que percorre a avenida, marcando e protegendo as entradas do hotel, do *snack-bar* e de um dos blocos laterais. Sobre os cinco andares seguintes, onde se localizam os quartos, os últimos dois são, de novo, abertos ao público e incluem os respetivos serviços de apoio. O edifício remata com um piso ligeiramente recuado, onde se localizam a sala de jantar e a *boîte*, ligadas por uma extensa varanda que se abre sobre o rio e a *infinita* paisagem que rodeia a cidade.

Mas à aparente estratificação horizontal do edifício contrapõe-se uma vibrante espacialidade quando é lido *em corte*, facto que deixa entender, aliás, que este é um projeto muito baseado nas múltiplas variantes da seção vertical que oferece, tanto longitudinal como transversalmente.

Face à relativa compacidade volumétrica que apresenta, o edifício recorta-se quando é lido em perfil, todo ele trabalhado de forma a estabelecer tensões e equilíbrios perceptíveis a quem habita o espaço a partir do seu interior – reconhecendo-se aqui, ainda, a herança *corbusiana*.

Associadas à sua monumentalidade e complexidade programática, a justaposição de funções diversas ativaram a concentração e a mescla de usos, intensificando a urbanidade do edifício e atribuindo-lhe, assim, um significado que até hoje perdura na cidade de Quelimane.



Hotel e bloco A de habitação, corte longitudinal; escala 1:50; março 1956, arquivo FAUP/CDDA/AL-CB, Arménio Teixeira ©, s/d

Passeio na Travessa da Sra do Livramento, ligação com a Praceta e Avenida Salazar; escala 1:100, 1:10; janeiro de 1966, arquivo FAUP/CDDA/AL-CB, Arménio Teixeira ©, s/d



Escadas, EWV, Ana Tostões, 2010



### O projeto total

Abrangendo uma extensa gama de tipologias, o edifício do *Chuabo* mostrou-se pretexto para desenvolver um desenho de simbiose entre várias escalas e temas: os arquitetos criaram um design global, que cruzou no projeto de arquitetura decisões de ordem urbanística<sup>27</sup> – ao assumir a *monumentalidade* do quarteirão com maior impacto urbano na cidade – com a conceção integral da pormenorização decorativa (particularmente em acabamento de tetos e revestimento de paredes), do mobiliário, cutelaria e sinalética<sup>28</sup>, não obviando a inclusão de obras de arte<sup>29</sup> europeias e nativas – que podem ser apreciadas tanto no átrio de entrada<sup>30</sup> e no acesso ao restaurante, como na *boîte* do hotel, onde existe uma pintura na cabine de música e um extraordinário fresco constituído por cinco painéis realizados por outros tantos artistas autóctones<sup>31</sup>, que cobre a extensa parede da sala.

Podendo referenciá-lo a outras obras concebidas a partir do conceito de *design global*<sup>32</sup>, o *Chuabo* mantém, meio século após a sua construção, a aura de notabilidade arquitetónica.

### A Cerâmica Monteiro&Giro, o pólo industrial, 1958

Localizado a cerca de 15,00 km de distância de Quelimane, o pólo industrial – implantado na proximidade do recém-descoberto depósito de argila e estrategicamente adossado à linha do caminho de ferro – foi concebido como um conjunto de apoio às instalações fabris, uma vez que era necessário alojar os trabalhadores que prestavam suporte técnico à produção.

Planeado como uma estrutura organizada axialmente em torno de um arruamento que liga o exterior do terreno ao seu centro, este aglomerado compreende a fábrica de cerâmica<sup>33</sup>, um conjunto habitacional para trabalhadores e o respetivo equipamento coletivo. Deste, destaca-se a *messe*, um singular edifício que polarizava a vida social e providenciava refeições aos habitantes. O espaço exterior, que previa jardins e zonas de recreio para adultos e crianças, complementava este conjunto fabril, idealizado como um microcosmo onde as 4 *funções* da urbe moderna<sup>34</sup> se articulavam em harmonia.

E porque se instalava em plena natureza, o projeto propunha que “as árvores e os jardins rodeassem a fábrica”, materializando, de alguma forma, a *Fábrica Verde* cuja apologia Losa tinha feito no Congresso de 1948.

Embora com uma encomenda do projeto dois anos mais tardia (1956) do que a do edifício *Chuabo*, a premência da laboração da fábrica, tendo em vista o fornecimento de materiais para as respetivas obras, fez com que o desenho deste núcleo avançasse em primeiro lugar, encontrando-se a sua edificação terminada em 1960.

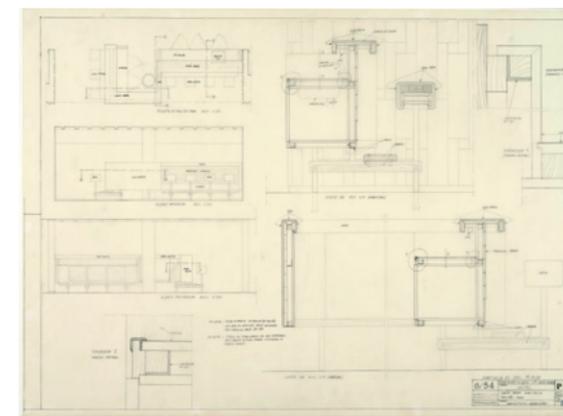
As casas, geminadas, são volumes paralelepípedicos elevados sobre *pilotis*, envolvidos por grelhas cerâmicas (que não só favorecem a ventilação transversal como protegem as paredes da incidência solar direta) e rematados por uma cobertura (ventilada) de duas águas revestida a telha cerâmica<sup>35</sup>. Destinadas a famílias residentes, distribuem-se perpendicularmente ao caminho de distribuição, rodeadas por pequenos logradouros que os arquitetos insistiam em não encerrar para não perder o sentido vasto do conjunto.



Imagens de um painel do fresco realizado por artistas lómue na boîte, EWV, Ana Tostões, 2012



Imagens do bar no restaurante, EWV, Ana Tostões, 2012



Pormenores. Café-bar, balcão; escala 1:20, 1:5, T.N.; maio de 1966.

Pormenores, passeio na Travessa da Sra do Livramento, ligação com a Praceta e Avenida Salazar; escala 1:100, 1:10; janeiro de 1966, arquivo FAUP/CDUA/AL-CB, Arménio Teixeira ©, s/d

Um outro volume, de matriz tipológica similar embora desenvolvido em banda contínua, alberga “apartamentos tipo hotel”, dirigidos a visitantes e a técnicos não acompanhados por família. Implantado no alinhamento do corpo abobadado da *messe* e com ele articulado diretamente por meio de uma passagem coberta – “um corredor aberto que une os dois edifícios num só conjunto arquitetónico” – este conjunto conforma o remate do aglomerado, constituindo-se, segundo os arquitetos, como o “seu ponto dominante e de convergência”<sup>36</sup>.

E a *messe*, um belíssimo edifício do ponto de vista formal e construtivo<sup>37</sup>, é definida por uma cobertura em abóbada – um cruzeiro apoiado nos seus quatro cunhais –, delimitando uma superfície quadrada com cerca de 440m<sup>2</sup> e “funcionando como um grande guarda-sol de proteção”<sup>38</sup>. Respondendo às questões de ordem climática e apelando às pesquisas que contemporaneamente se faziam em torno da *leveza* que as estruturas laminares de betão proporcionavam, os projetistas encontraram uma solução formal aliando um sofisticado esqueleto estrutural com a construção, segundo o método tradicional, das abóbadas em tijolo<sup>39</sup>.

Este espaço é percorrido por uma parede revestida a cerâmica que separa a zona de serviços (cozinha, lavandaria, instalações sanitárias, etc.) da área de refeições e introduz uma forte marcação horizontal no espaço, contraposta pela verticalidade de duas chaminés que, muito próximas, perfuram a cobertura. Sinuoso, esse plano estende-se para além da área coberta contribuindo, em conjunto com o prolongamento do pavimento, “para aumentar a sensação de inexistência dos [seus] limites”<sup>40</sup>.

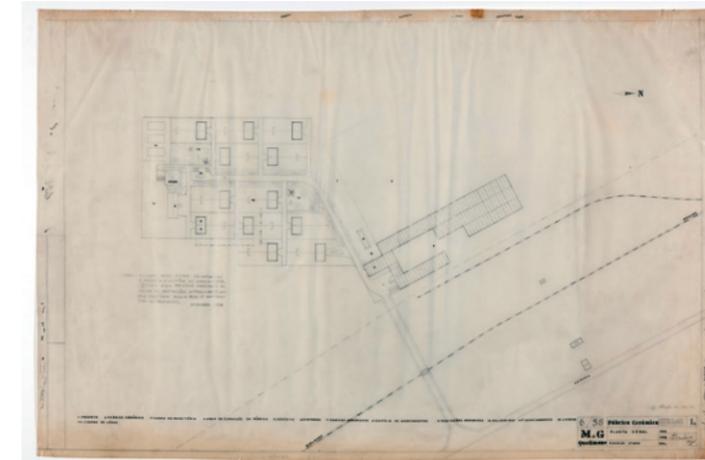
Sob o centro geométrico da abóbada, a sala de restaurante ocupa também um quadrado, definido pelo teto – uma estrela invertida, suspensa em quatro pontas – e por grandes caixilharias de correr que lhe permitiam uma extensa frente de contacto com a esplanada exterior.

Ainda hoje, após décadas de abandono, a *messe* é uma peça com uma presença extraordinária, a marca de uma modernidade que a história e paisagem africanas surpreendentemente conservaram.

### (de novo) Sobre a tectónica e a circunstância

Ambos os projetos, para o edifício de Quelimane e para a fábrica de cerâmica em Muirua, revelam o propósito da sua adequação ao clima quente e húmido da região da Zambézia através da elevação dos edifícios, da ventilação das coberturas, da incorporação de paredes perfuradas, da adoção de *brise-soleil* e de varandas profundas e cobertas – um conjunto de soluções e dispositivos que, explorando formalmente as características necessárias a um máximo sombreamento e ventilação, integram o léxico fundador do Movimento Moderno. Poder-se-á talvez dizer que as condições geográficas e climáticas da África subsaariana são favoráveis à formulação tectónica do Movimento Moderno – que, nesse sentido, aí encontrou, sem necessidade de um grande esforço de aculturação (até porque, efetivamente, chegava pela mão da autoridade colonial) um fértil laboratório arquitetónico.

Laboratório no pleno sentido da palavra aqui, em Quelimane, onde o pretexto da arquitetura se associou a raras e extraordinárias condições de ordem multidisciplinar: pesquisa local de matéria-prima, investigação científica aplicada,



Fábrica Cerâmica, planta geral; escala 1:1.000; março 1958, arquivo FAUP/CDUA/AL-CB, Arménio Teixeira ©, s/d



Imagem da chaminé e de um dos pavilhões, EWV, Maria Manuel Oliveira, 2010



Habitações geminadas, EWV, Ana Tostões, 2010  
Habitações geminadas – pormenor, EWV, Maria Manuel Oliveira, 2010

produção fabril e, ainda, intensa formação profissional. Todos eles, acontecimentos com expressiva reverberação local.

### A diáspora transcontinental moderna

E se atualmente o núcleo da fábrica se encontra meio-abandonado<sup>41</sup> e em paulatina erosão, os blocos de habitação no edifício *Chuabo* em Quelimane, plenamente ocupados, estão com toda a evidência atingidos pelos problemas que afetam a cidade, revelando infraestruturas em falência<sup>42</sup> e ausência de manutenção. O setor comercial encontra-se em avançada degradação e sobre ele pendem propostas de reutilização que, muito provavelmente, não irão atender às suas características espaciais e arquitetônicas.

Em atividade permanente, o hotel dispõe, ainda, de condições admiráveis em termos da integridade original dos seus espaços e mobiliário<sup>43</sup> – pese embora o passar dos anos que está a levar ao limite, velozmente, a sua capacidade de resistir ao tempo e aos usos<sup>44</sup>.

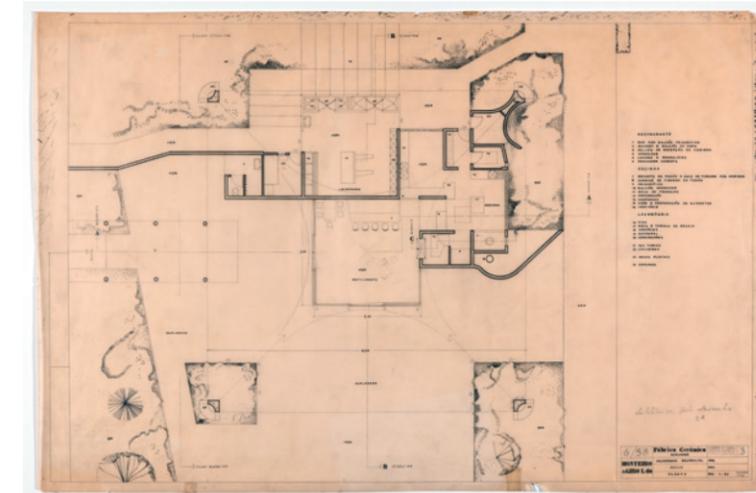
*Manifesto* moderno, a integridade do *Chuabo* encontra-se em desvanecimento – apesar da extraordinária resiliência que tem demonstrado a décadas de uso sem a adequada conservação –, aguardando uma intervenção que, espera-se, venha a ser fundada no seu reconhecimento e no conhecimento aprofundado da circunstância moderna em que foi produzido – procurando as reinterpretações que a contemporaneidade exige sem, no entanto, adulterar os valores substantivos que assistiram ao seu desenho<sup>45</sup>.

O Complexo Monteiro&Giro deverá, pois, ser entendido dentro do contexto africano, num processo de transformação mais abrangente que se revia no desejo e na possibilidade de trabalhar segundo uma orientação verdadeira e progressista, através da concretização de obras pioneiras e com grande significado urbano e social.

Profundo desafio para a arquitetura moderna produzida neste período em África, revelou-se uma aventura paradoxal entre o reconhecimento da cultura autóctone e a convicção na aplicação de um modelo que, sabendo-se a ela estranho, se acreditava portador de uma nova civilização<sup>46</sup>, a qual no momento mitigaria diferenças e, num futuro que se julgava próximo, garantiria o acesso de todos à universalizada *utopia moderna*.

De facto, a arquitetura moderna, trabalhada a partir do confronto entre considerações de ordem cultural e tecnológica revela, nesse compromisso, a medida em que a transposição dos modelos incorporou e tem vindo a incorporar a condição africana, encontrando novas sínteses. É também no sentido desta compreensão que, iluminado pela pesquisa e pelos estudo comparativos, o património arquitetónico da África lusófona filiado no Movimento Moderno começa a ser reconhecido pela crítica<sup>47</sup>.

- AT, MMO



Messe, Eduardo Figueirinhas, c. 1960

Planta; escala 1:50; novembro 1958, Arménio Teixeira ©, s/d, arquivo FAUP/CDDA/AL-CB, Eduardo Figueirinhas, c. 1960



Messe, EWV, Maria Manuel Oliveira, 2010

**1**  
Josep Lluís Sert, Fernand Léger, Sigfried Giedion, "Nine Points on Monumentality", *Architektur, You and Me*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1958 [1943], 48-52.

**2**  
A análise dos artigos aí apresentados revela o tema da "Utopia da Arquitectura transformando a vida e a sociedade" como sendo o mais comum entre as 35 teses: a transformação do mundo exigia a participação dos arquitetos e parecia não só possível como alcançável. O arquiteto adquiria, assim, um eminente papel social, excedendo o seu canónico domínio de atuação. Expressando uma postura fortemente crítica, Arménio Losa afirmava que: "O País marcha na retaguarda das nações... Terá pois de apressar-se para conquistar melhor posição na marcha do progresso... erguer-se-ão edifícios para o alojamento, a aprendizagem, a cultura e o recreio das populações atraídas pelas novas fontes da produção... existe em potencial a possibilidade de planejar cidades novas, ou importantes conjuntos urbanos... E o arquiteto será chamado... a sua colaboração será permanentemente reclamada..." Arménio Losa, "A Arquitectura e as Novas Fábricas", *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Teses*, Lisboa, OA, 2008 [1948], 127-128.

**3**  
"A exemplaridade de uma arquitectura desassossegada e perturbadora, na procura de uma originalidade que não pura ressonância do que navegava fora..." Manuel Mendes, *O Nosso Escritório. 1945-1957*, Porto, OASRN/FAUP, 2008.

**4**  
Arménio Losa e Cassiano Barbosa envolveram-se, empenhadamente, na vida cívica, cultural e associativa do seu tempo, através de uma efetiva participação na Organização dos Arquitectos Modernos, no Sindicato Nacional dos Arquitectos e em revistas e exposições.

**5**  
Arménio Losa, op cit.

**6**  
O projeto foi realizado no escritório do Porto, não tendo nenhum dos arquitetos visitado Moçambique. Se este afastamento traduz uma formidável confiança nas virtualidades da arquitetura moderna e na eficácia de um plano concebido com metódica racionalidade, assim como na capacidade local de o materializar em obra, também reflete, segundo testemunhos, algum desconforto perante a circunstância colonial em que o trabalho se inscrevia.

**7**  
Referem-se, nomeadamente, os edifícios da Carvalhosa (1945), e das ruas Sá da Bandeira (1946) e Ceuta (1950), no Porto.

**8**  
A Zambézia, com uma extensa área de caça grossa e uma costa estúpida, apresentava-se com um enorme potencial turístico ainda por explorar.

**9**  
Esta pesquisa envolveu consultas várias relativas às madeiras disponíveis no local; após analisada e testada no Laboratório de Engenharia Civil, em Lisboa, foi decidido aplicar na construção a madeira de Jambir (entrevistas aos arquitetos Eduardo Figueirinhas e engenheiro António Ribeiro da Costa – janeiro e abril de 2011).

**10**  
Sob iniciativa do engenheiro António Ribeiro da Costa, que detetou a existência da argila local, as pesquisas sobre as suas propriedades foram desenvolvidas em Itália, em Asti, nos arredores de Turim (entrevista a engº Ribeiro Costa, abril de 2011).

**11**  
"De um modo geral procura tirar-se o melhor partido da utilização dos materiais cerâmicos que a Fábrica produzirá, mesmo na fase experimental e que se prestam a soluções de acabamento de alto valor qualitativo." Arménio Losa, Cassiano Barbosa, *Anteprojecto de um Conjunto de Edifícios a Construir em Quelimane. Memória Descritiva*, Porto, FAUP/CDUA, novembro de 1958. Esta articulação entre projeto e produção, permitiu soluções muito interessantes, como aquela que presidiu à execução de abóbadas autoportantes na *messe* num tipo de tijolo especial, também executado na fábrica (entrevista a engenheiro António Ribeiro da Costa, abril de 2011).

**12**  
Formado pela ESBAP, o arquiteto Eduardo Figueirinhas deslocou-se para Moçambique especificamente contratado para fazer o acompanhamento da execução da obras Monteiro&Giro.

**13**  
A execução do Complexo M&G prolongou-se até ao final da década de 60, dando origem a um enorme processo desenhado e escrito que confirma um método de trabalho de elevada competência, tanto por parte do projeto de arquitetura – rigoroso e totalmente detalhado, como era habitual do escritório Losa&Barbosa – como, também, de um notável acompanhamento técnico da obra.

**14**  
Citando *Les Trois Établissements Humains*, Arménio Losa defendia em 48 que "a fábrica não será de futuro o edifício negro e sujo... mas elemento precioso de valorização estética... As árvores, os jardins rodearão a fábrica, penetrarão mesmo nela. E o trabalho deixará de ser obrigatoriamente segregado, isolado da Natureza... A nova fábrica será a «fábrica verde»." Arménio Losa, op cit., 133-134.

**15**  
M&G é um exemplo, entre outros que se conhecem e que foram implementados em escalas muito diversas. Vila Serra do Navio, na Amazônia, por Oswaldo Brathke, é talvez o paradigma da intervenção arquitetónica moderna ex novo, exigida por razões de ordem empresarial e construída em condições de grande afastamento à tecnologia e à mão de obra qualificada.

**16**  
A palavra *Chuabo*, autóctone, designa não só um lugar como o dialeto local.

**17**  
Só mais tarde, com a edificação do Banco Nacional Ultramarino (uma peça notável da autoria de Francisco José de Castro, apenas concluída em 1972), o *Chuabo* veio a partilhar o protagonismo urbano que até aí tinha desfrutado isoladamente.

**18**  
Inicialmente desenvolvido ao longo de três lados, conformando um "U", o edifício viu surgir um quarto lado, encerrando um grande pátio interior (onde se viria a localizar a garagem de serviço) quando, ainda no início do projeto, o cliente adquiriu uma nova parcela de terreno, fato que permitiu ao conjunto ganhar autonomia total em relação à envolvente.

**19**  
O comércio incluía um supermercado, equipamento inexistente à data em todo o norte de Moçambique, que proporcionou o facto, inédito, de as donas-de-casa classe média começarem a ir às compras de produtos domésticos (entrevista a engenheiro António Ribeiro da Costa, abril de 2011).

**20**  
Conforme memória descritiva de abril de 1962, onde se percebe que alterações introduzidas ao projeto do hotel, que se estendia sobre o corpo C, permitiram rever o programa deste volume (com, aliás, menor número de pisos que os blocos A e B e, na fachada orientada sobre a rua, apresenta um desenho diretamente associado ao do hotel e não aos outros dois edifícios de habitação, que são similares entre si).

**21**  
Compreendendo "...um quarto de banho e uma pequena cozinha de recurso para a confecção de refeições ligeiras, além do espaço principal do quarto-sala." Arménio Losa, Cassiano Barbosa, op. cit.

**22**  
Restabelecendo o uso do pátio como elemento intrínseco e comum ao conjunto – e (re)interpretando, talvez, o seu significado na cultura tradicional africana (Udo Kultermann, *New Directions in Africa Architecture*, New York, George Braziller, 1969; Elleh Nnamdi, *African Architecture, Evolution and Transformation*, New York, McGraw-Hill, 1997) –, a memória descritiva do projeto (março 1956) estipulava: "a cobertura da estação de serviço é destinada a parque infantil... dos blocos residenciais [de onde as famílias poderiam vigiar as crianças]... [sendo] o acesso a este recreio directo de cada bloco." Alterações posteriores ao programa não permitiram que esta solução se viesse a concretizar.

**23**  
"... como que ruas suspensas ladeadas por casas, apenas se diferenciando dos arruamentos públicos por serem cobertas, mais estreitas, destacadas do solo e de utilização privativa dos

inquilinos. Abertas de um dos lados, que uma parede formada de elementos vazados protege do sol, deixam livre passagem ao ar e à luz..." Arménio Losa, Cassiano Barbosa, op. cit.

**24**  
As galerias são servidas por caixas de escada colocadas nos topos, funcionando como elementos de remate aos respetivos corpos: as escadas principais, com desenho em espiral e associadas a um elevador, encontram-se englobadas no edifício; as de serviço são abertas, em lances retílineos acoplados exteriormente à parede limite do volume.

**25**  
Relacionando-se diretamente esta área da cozinha e lavandaria, através de uma entrada secundária, com a galeria de pé-direito menor.

**26**  
Esta é uma das duas cenográficas escadas em espiral de que o hotel dispõe e que remetem para exemplares já anteriormente testados por Losa & Barbosa. São peças de design sofisticado e muito exigentes do ponto de vista construtivo e é notável a forma como se encontram impecavelmente executadas.

**27**  
Ao longo do processo ocorreram, pelo menos, duas controvérsias com os serviços camarários: a primeira em 1956, na fase de licenciamento, pelo facto de ser proposta uma implantação que, ortogonal "por vantagens de natureza estética", não seguia o alinhamento das ruas existentes. Os arquitetos, na sua argumentação de resposta, invocam as batalhas contemporâneas do urbanismo "...contra a regra generalizada de subordinar todos os edifícios em todas as circunstâncias a um alinhamento simplista...". Acabaria por ser encontrada uma solução de compromisso entre ambas as posições. Dez anos mais tarde, já próximo da inauguração do hotel, um novo diferendo relativo agora ao desenho dos passeios e do estacionamento no gaveto do quarteirão junto à entrada do hotel, foi apenas resolvido após intervenção do Ministro do Ultramar, a quem Arménio Losa interpsó um recurso.

**28**  
Arménio Losa desenhou, também, o esquadramento (e a pigmentação) da betonilha dos passeios envolventes ao edifício, uma solução que se veio depois a replicar pela cidade.

**29**  
"A monument being the integration of the work of the planner, architect, painter, sculptor, and landscapist demands close collaboration between all of them. This collaboration has failed in the last hundred years. Most modern architects have not been trained for this kind of integrated work..." Josep Lluís Sert, Fernand Léger, Sigfried Giedion, op. cit.

**30**  
Onde se encontra a peça mural "Aurora de Quelimane", c. 1962 (cf. Alexandre Pomar) da autoria do escultor José Rodrigues.

**31**  
Estes artefactos, de etnia lómue (segundo Jorge Dias, citado por Alexandre Pomar) decoravam as paredes dos edifícios das aldeias em que viviam, nos arredores de Quelimane. "Descobertos" pelo arquiteto Eduardo Figueirinhas, aceitaram o convite e realizaram, com tinta corrente da construção civil, o painel que se pode admirar no último piso do Hotel *Chuabo* (cf. entrevista Figueirinhas, janeiro de 2011). Este fresco encontra-se referenciado por Jorge Dias e Margot Dias em *A Arte Popular em Portugal, Ilbas Adjacentes e Ultramar* (cf. Alexandre Pomar).

**32**  
Como, nomeadamente – salvaguardando as devidas diferenças de escala –, o iconográfico SAS Royal Hotel Copenhagen (1958-1960) de Arne Jacobsen.

**33**  
Relativamente ao edifício da fábrica, Losa & Barbosa desenharam a cobertura geral, os escritórios, vestiários, cantina, etc., e os arranjos circundantes; quanto ao corpo principal, "limitaram-se a uma simples contribuição no desenvolvimento de um projecto já previamente elaborado" (carta de abril de 1958).

**34**  
"Habitat", "Loisir", "Travail", "Circulation", cf. CIAM 4, 1933; Le Corbusier, "La Ville Fonctionnelle", *La Charte d'Atènes*, Paris, Minuit, 1943.

**35**  
No pavimento térreo localizam-se as instalações dos empregados domésticos e a garagem, no piso superior a área de habitação principal, entregue aos destinatários totalmente equipada e mobilada segundo desenhos elaborados também no *atelier*. Destaca-se, nestes módulos, de volumetria e organização elementares (de facto, estas habitações não mostram a subtilidade espacial que se revela nos apartamentos do edifício *Chuabo*), a sofisticação – algo anacrónica – das escadas em betão que ligam os dois pisos, executadas segundo um recorte plástico de complexa execução.

**36**  
Arménio Losa, Cassiano Barbosa, op. cit.

**37**  
"...um edifício especial, caracterizado particularmente por uma cobertura abobadada que lhe confere volume e forma." (Arménio Losa, Cassiano Barbosa, op cit). De assinalar a contemporaneidade desta notável peça, em particular, com o refeitório da Universidade da Nigéria em Ibadan (finalizada em 1959-1960), da autoria de Jane Drew e Maxwell Fry.

**38**  
Arménio Losa, Cassiano Barbosa, op cit.

**39**  
Conforme entrevista a engenheiro António Ribeiro da Costa, abril de 2011.

**40**  
Arménio Losa, Cassiano Barbosa, op. cit.

**41**  
Apenas as habitações se encontram em uso, embora, já sem infraestruturas em funcionamento, se encontrem reduzidas a paredes e cobertura – e, em alguns casos, caixilharias.

**42**  
A ausência de abastecimento público de água (em todos os blocos habitacionais) e de electricidade (num dos edifícios, uma ausência que obriga a cozinhar a carvão nas galerias), associada a severas infiltrações de água, é uma das causas de maior degradação do conjunto *Chuabo*.

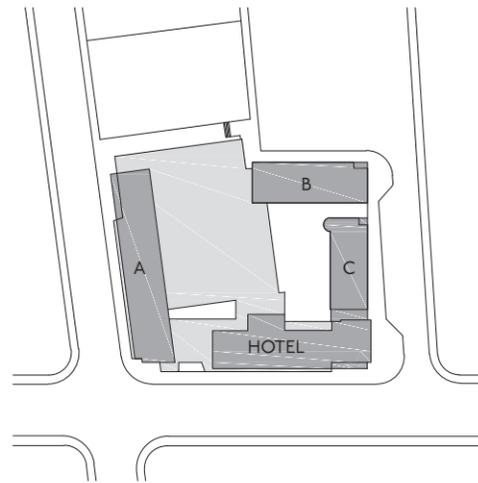
**43**  
Esta preservação poderá dever-se, também, ao facto de o hotel *Chuabo* ser muito apreciado por Samora Machel, o mítico primeiro Presidente da República de Moçambique, que lá chegou a receber presidentes de países amigos (cf. Alexandre Pomar).

**44**  
Sendo já visível, neste momento, a substituição de múltiplos elementos por peças da mais discutível qualidade e adequação ao contexto.

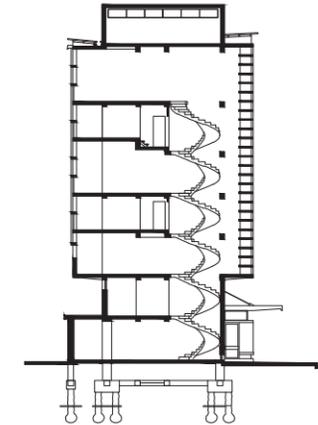
**45**  
Tarefa não evidente numa sociedade que não só não dispõe plenamente dos meios necessários ao reconhecimento e salvaguarda do património moderno, como por vezes o olha com alguma suspeição, produto que é de uma ocupação colonial de presença e memória ainda recentes.

**46**  
Embora, e referindo-se ao desencontro entre o modelo moderno e a cultura autóctone, Udo Kultermann escreva que "... modernism in architecture was part of the colonial ideology, as it served exclusively the white minority." (Udo Kultermann, op cit., 21).

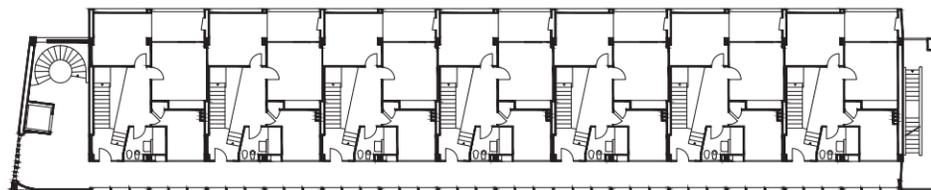
**47**  
"For a long time geographical selectiveness of Kultermann's 1960s' architectural map of Africa paralleled that of the historiography of a arch. modern architecture in Africa. Only in recent years has a more inclusive mapping begun to unfold... and blank spaces are filled in by new discoveries on the built production in hitherto neglected regions." (Johan Lagae, Tom Avermaete, *L'Afrique, c'est Cbic. Architecture and Planning in Africa 1950-1970*, Rotterdam, NAi Publishers, 2010, 21). Ver também Madalena Cunha Matos, "Colonial Architecture and Amnesia. Mapping the Work of Portuguese Architects in Angola and Mozambique", *L'Afrique, c'est Cbic. Architecture and Planning in Africa 1950-1970*, op.cit., 2010, 25-34.



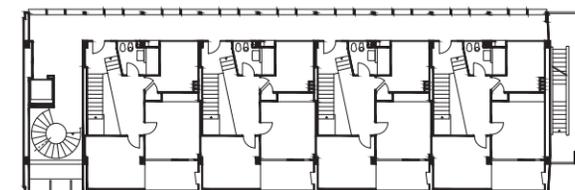
PLANTA DE CONJUNTO 1:2000



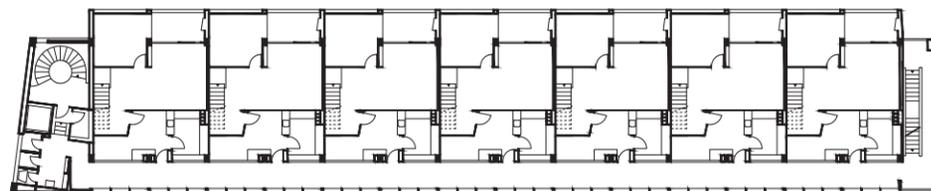
BLOCO B - CORTE TRANSVERSAL



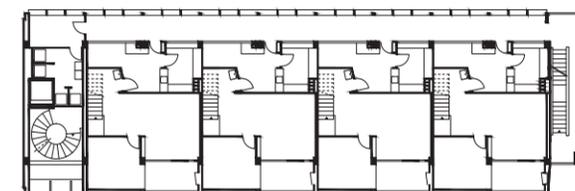
BLOCO A - PLANTA DO PISO 4



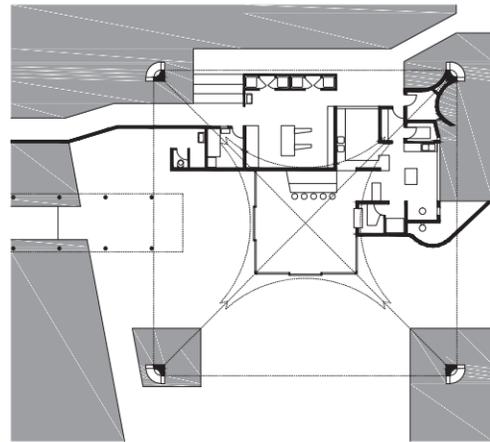
BLOCO B - PLANTA DE PISO 4



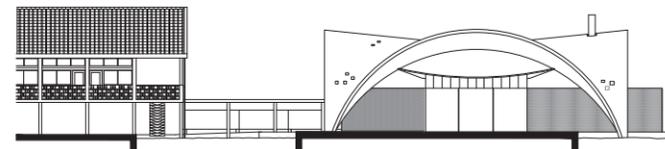
BLOCO A - PLANTA DO PISO 3



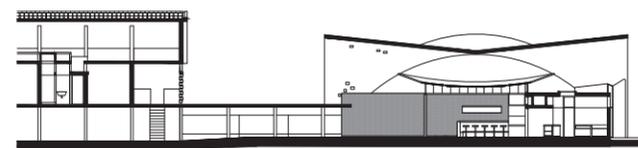
BLOCO B - PLANTA DE PISO 3



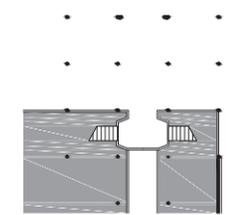
PLANTA DA MESSE



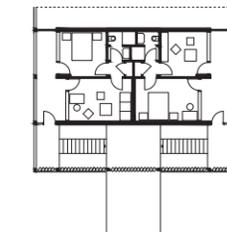
ALÇADO NORTE



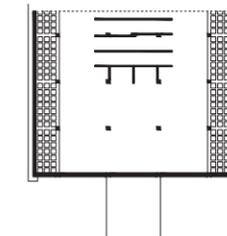
CORTE LONGITUDINAL



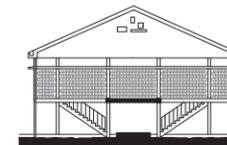
PLANTA DO PISO 0



PLANTA DO PISO I



PLANTA DO VÃO DO TELHADO



ALÇADO LATERAL



CORTE TRANSVERSAL



CORTE TRANSVERSAL